

## PODE FALAR “FILHO, VOCÊ É BICHA?”: NARRATIVAS DE SAÍDA DO ARMÁRIO EM VÍDEOS DO YOUTUBE

Thais de Freitas Mondini Belletti (PUC-RIO)

**RESUMO:** O presente trabalho tem como objetivo analisar narrativas de saída do armário, ou seja, o momento em que um indivíduo expõe sua identidade homossexual a outra pessoa. O ato de sair do armário apresenta ter um papel fundamental na construção de uma identidade sexual que não a heterossexual, pois esta ação implica declarar uma posição diferente do padrão ditado por uma sociedade heteronormativa. Em tal contexto, assumir-se homossexual significa um ato de resistência contra a manutenção de práticas discursivas hegemônicas que moldam uma sociedade em que a norma é a heterossexualidade. O foco no estudo da narrativa se dá, pois entendemos que esta é usada para organizar a experiência humana. Seu estudo, assim, contribui para a compreensão que os indivíduos fazem do mundo e de si mesmos. Neste trabalho, abordaremos três suportes teóricos: narrativas de experiência pessoal (LABOV; WALETZKY, 1967; LABOV, 1972), narrativas de histórias de vida (LINDE, 1993) e pequenas narrativas (BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008). O objetivo desta pesquisa consiste em mostrar como narrativas de saída do armário são construídas em dois vídeos no YouTube que apresentam a temática do ato de sair do armário e como as identidades sociais são negociadas nesse discurso.

**PALAVRAS-CHAVE:** Narrativa. Identidade. Discurso. Sexualidade.

**ABSTRACT:** This work aims to analyze “coming out” narratives, i.e. the moment that an individual exposes his or her homosexual identity to another person. The act of coming out represents a big role in the construction of a sexual identity that differs from the heterosexual one, since this act implicates a different position within a heteronormative society. In such context, being openly gay means an act of resistance against the continuity of hegemonic discursive practices that shape a society where the norm is heterosexuality. This work focuses on the study of narratives because we understand that people use them to organize human experience. Thus, this study contributes to analyze how individuals perceive themselves and the world. This research encompasses three theoretical supports: narratives of personal experience (LABOV; WALETZKY, 1967; LABOV, 1972), life stories (LINDE, 1993) and small stories (BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008). This work analyzes two coming out narratives that were extracted from two videos from YouTube. Our goal is to show how these narratives are constructed and how the social identities are negotiated in the discourse.

**KEYWORDS:** Narrative. Identity. Discourse. Sexuality.

### 1 INTRODUÇÃO

No presente estudo, analisaremos narrativas de “saída do armário”. Sair do armário configura uma forma de autoexposição, isto é, um indivíduo comunica uma informação pessoal a outra pessoa. É por meio do ato de sair do armário que o indivíduo *se torna* gay para a sociedade, pois este está admitindo sua identidade sexual para os

outros que compartilham de seu meio. Admitindo uma perspectiva antiessencialista, entendemos que as identidades sociais são construídas nas práticas discursivas em que atuamos e nos projetos identitários ao qual nós pertencemos. Sob essa ótica, as identidades sociais não são estáveis, mas estão em constante processo de ressignificação.

Moita Lopes (2001) destaca três características das identidades sociais: 1) sua natureza fragmentada; 2) a possibilidade de identidades contraditórias existirem na mesma pessoa; 3) as identidades sociais têm caráter fluido, estão sempre se construindo e se reconstruindo. Não é possível, assim, analisarmos uma identidade fixa, pois esta está sempre em processo de construção, pois “as identidades têm a ver com questões de uso dos recursos da história, linguagem e cultura no processo de tornar-se em vez de ser” (HALL *apud* MOITA LOPES, p. 61).

Certamente, o ato de sair do armário, ou seja, compartilhar informação concernente à identidade sexual, apresenta ter um papel importante na construção de uma identidade sexual que não a heterossexual. Sair do armário implica declarar uma posição sexual diferente daquele padrão ditado por uma sociedade heteronormativa. Dessa forma, narrar uma história de saída do armário desafia uma estrutura de poder presente em uma instituição organizada, como a heterossexualidade. Nesse contexto, para alguns, essa revelação significa um ato de resistência contra a manutenção de práticas discursivas hegemônicas que moldam uma sociedade heteronormativa. Sendo assim, “os discursos não somente refletem ou representam as entidades e relações sociais, eles as constroem ou as constituem” (FAIRCLOUGH *apud* MOITA LOPES, 2001, p. 59). Nesse caso, o discurso é compreendido como uma prática social porque serve às diversas interações construídas nas relações sociais. Ele é um modo de ação; é a forma por meio da qual os indivíduos podem agir sobre o mundo e sobre os outros. Como destaca Moita Lopes (2001), o movimento de liberação gay é um exemplo típico de envolvimento em projetos identitários contestatórios, que buscam construir o papel do homossexual de forma diferente na história.

No enfoque das narrativas, pesquisadores têm estudado como, dentro dos discursos, a narrativa é usada para organizar a experiência humana. Bastos (2005, p. 74) comenta que o estudo da narrativa pode contribuir grandemente para a compreensão “não apenas do sentido que os indivíduos fazem de si mesmo, como também sua compreensão

do mundo e de suas experiências nesse mundo”. Dentro desses estudos, encontramos abordagens teóricas como as narrativas de experiência pessoal (LABOV; WALETZKY, 1967; LABOV, 1972), narrativas de histórias de vida ou *life stories* (LINDE, 1993) e as de pequenas narrativas ou *small stories* (BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008). Para este estudo, trabalharemos com base nesses três suportes teóricos descritos.

O objetivo desta pesquisa consiste em mostrar como narrativas de saída do armário são construídas em vídeos do YouTube e como as identidades sociais são negociadas nesse discurso. Sem dúvida, através das novas tecnologias, somos expostos a demonstrações do comportamento humano que antes ficavam restritos aos seus locais de manifestações. Nesse contexto, as mudanças sociais, culturais, econômicas e políticas vêm se mostrando cada vez mais acessíveis e visíveis a uma grande parte da sociedade. Moita Lopes (2001, p. 56) destaca esse cenário:

Ao exporem um cotidiano em que a experiência humana é apresentada de forma múltipla e plural, os discursos da televisão, do cinema, e das telas do computador, por exemplo, evidenciam tais mudanças. Nunca antes foi possível ver a variedade da vida humana com tanta clareza, detalhes e simultaneidade como agora (MOITA LOPES, 2001, p. 56).

É nessa conjuntura que os movimentos gays estão se manifestando. Através do uso de mídias digitais, como o YouTube, estes buscam expor suas demandas que antes ficavam à margem das práticas sociais. Nesse contexto, as narrativas de saída do armário apresentadas nesses aportes digitais fornecem-nos uma rica fonte para a análise de construções de identidade que se fazem presentes no ambiente contemporâneo.

## **1.1 Narrativas de Experiência Pessoal**

Os trabalhos de Labov e Waletzky (1967) e de Labov (1972) definem a estrutura básica da narrativa. Segundo os autores, a narrativa constitui-se de uma sequência verbal de orações com uma sequência de eventos que tenham ocorrido em um dado momento. Os autores apresentam, assim, uma estrutura cujos elementos são vistos como básicos para se ter uma narrativa. Primeiramente, a narrativa precisa ter um ponto, isto é, precisa haver uma razão para aquele relato ser contado. Além disso, a narrativa deve ser contável,



ou seja, deve haver um componente extraordinário que quebre com o ritmo de situações consideradas corriqueiras, comuns.

Segundo o modelo dos autores, o primeiro elemento de uma narrativa é o **resumo**, que responde à pergunta: “sobre o que é a narrativa?”, que funciona como um sumário da história e apresenta o ponto da mesma. Após o resumo, segue-se a seção de **orientação**, que serve para orientar o ouvinte, indicando espaço, tempo, lugar, pessoas e suas atividades. Depois desses dois elementos, temos a **ação complicadora**, que é a história propriamente dita, na qual o falante se remete a um evento passado. Esta constitui a parte principal da narrativa e é composta por uma sequência de enunciados temporalmente ordenados que se organizam geralmente com verbos no passado. Segundo Labov, a ação complicadora é o único elemento obrigatório para que um relato seja considerado uma narrativa. A **avaliação** responde à pergunta: “e daí?” e se refere ao ponto da narrativa, sua razão de ser; é a parte da narrativa que revela a postura do narrador com relação ao seu relato. Outro elemento da estrutura da narrativa é a **coda**, que pode marcar que a narrativa acabou, como a conclusão de uma série de eventos. Bastos (2005, p. 76) aponta que a coda, muitas vezes, pode ter uma marca avaliativa, “contendo comentários morais sobre os efeitos dos eventos do narrador, ou sobre o modo como o mundo é ou deveria ser”.

Faz-se necessário ressaltar que a narrativa não precisa conter todos os elementos citados anteriormente. A unidade básica é a ação complicadora, ou seja, a história propriamente dita que é apresentada na sequência temporal; sem ela não há narrativa. Sem dúvida, há inúmeras narrativas que se compõem de forma diferente, ou seja, a estrutura não é uniforme. Cabe ao pesquisador analisar como os elementos estruturais da narrativa são realizados em cada caso.

## 1.2 Narrativas de Histórias de Vida

Em seu estudo, Linde (1993, p. 20) declara que podemos entender histórias de vida como aqueles eventos que relatamos para que o outro saiba “quem nós somos” ou “o que o outro precisa saber sobre mim para me conhecer”. A autora define história de vida como uma unidade oral de uma interação social, sendo esta descontínua, que “têm



como avaliação primária um ponto sobre que tipo de pessoa o falante é e não uma demonstração de como o mundo é” (LINDE, 1993, p. 22). É uma unidade oral dita várias vezes em várias ocasiões.

Linde (1993) destaca que, ao contarmos uma história de vida, seguimos um sistema de coerência. Tal sistema providenciaria os meios para o entendimento, a avaliação e a construção dos *accounts* da experiência. Entende-se por coerência uma realização cooperativa entre um falante e seu interlocutor. Uma narrativa coerente apresenta uma noção de sequência clara e não uma coleção de eventos que aconteceram em uma ordem desconhecida.

Geralmente, as histórias de vida incluem certos eventos marcantes na vida de uma pessoa, como escolha da profissão, casamento, divórcio e conversão religiosa ou ideológica. Por meio das histórias de vida, expressamos quem somos:

Histórias de vida expressam nossa noção de *self*: quem somos e como nos tornamos a ser. Estas também são um importante meio através do qual comunicamos o sentido do *self* e o negociamos com outros. Além disso, usamos essas histórias para alegar ou negociar pertencimento a um grupo e demonstrar que de fato somos membros valiosos deste, já que entendemos e seguimos apropriadamente seus padrões morais. Por último, histórias de vida cabem na mais ampla das construções sociais, já que estas apresentam pressuposições sobre o que se espera delas, quais são as normas, e que sistemas comuns ou especiais podem ser usados para se estabelecer coerência (LINDE, 1993, p. 03).

Histórias de vida são uma unidade social pois são compartilhadas com outras pessoas, ao invés de serem presas “na solitude das cavernas do cérebro” (LINDE, 1993, p. 04). Ora, se as histórias não são compartilhadas, não há construção e negociação dos sistemas de crenças dentro de práticas discursivas. No exemplo de narrativas de saída do armário, a identidade gay é compartilhada com outros e configura-se uma história de vida pois significa um marco na vida de quem narra. É nesse momento que o falante expõe sua identidade gay abertamente como uma expressão da sua noção de *self*.

De forma clara, as convenções que ditam o que pode e o que não pode ser parte de uma história de vida não são universais. Tanto o conteúdo quanto a forma da narrativa de histórias de vida fazem parte do produto de uma cultura particular. Em uma sociedade heteronormativa, a identidade gay é considerada fora dos padrões morais do grupo.

Certamente, um indivíduo heterossexual não tem uma história de vida de quando expõe sua identidade sexual aos outros membros dessa sociedade. Nesse contexto, não cabe a pergunta: “como ou porque você resolveu contar ao mundo que é heterossexual?”.

As narrativas apresentadas nesse trabalho representam um marco biográfico na vida dos falantes, pois destacam o momento em que decidiram compartilhar sua identidade sexual com a família. Os trechos da narrativa podem ser contados e recontados nas interações sociais.

### 1.3 Pequenas Narrativas

Bamberg e Georgakopoulou (2008) focam seus estudos no que eles chamam de *pequenas narrativas*, tanto em termos de tamanho (tendem a ser histórias breves) quanto em termos metafóricos, a saber, pequenas histórias que remetem a práticas sociais cotidianas, com foco no aspecto micro da experiência humana. A proposta de análise é feita sem a preocupação de satisfazer uma estrutura fixa de narrativa:

[...] nosso ponto de partida está ancorado mais em uma perspectiva funcional do uso da narrativa e da língua em geral. Alinhado com a virada geral para o estudo da narrativa como uma ferramenta de interpretação, nós estamos interessados nas ações/funções sociais que as narrativas desempenham na vida das pessoas: como elas realmente usam histórias no dia a dia, situações comuns que criam (e perpetuam) a noção de quem são (BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008, p. 378-379).

Em seu trabalho, os autores buscaram mapear os traços textuais/interacionais de pequenas histórias e explorar como esses traços cabem no vocabulário da estrutura analítica da narrativa e na análise que liga escolhas linguísticas específicas a um papel maior no aspecto social e identitário. Nesse caso, os autores, em sua pesquisa, navegam entre os dois extremos, analisando o aspecto micro e o aspecto macro das práticas sociais. Os autores argumentam que as identidades estão em constante mudança, e podemos observar isso na análise de pequenas histórias. Nesse caso, percebemos que os atores de uma interação escolhem repertórios específicos para o estabelecimento de uma noção particular de *self*.



Bamberg e Georgakopoulou (2008) sugerem que as narrativas sejam analisadas com base nas ações e funções sociais que exercem na vida dos participantes. Indicam que, para isso, é preciso a análise de ações narrativas que geralmente são “sub-representadas”, se analisadas com base no modelo canônico (como uma progressão temporal coerente de eventos que é tipicamente localizado no passado). É a análise dessas ações que os autores chamam de “pequenas narrativas”. Em contraste com as chamadas “grandes narrativas”, os autores postulam:

[...] nós estamos utilizando “pequenas narrativas” como um termo geral que abarca uma gama de ações narrativas sub-representadas, como relatos de eventos em andamento, futuros e hipotéticos, e eventos (conhecidos) compartilhados, mas também esse termo abarca ilusões do que foi dito anteriormente, adiamentos de fala, e recusas de fala. Essas falas são tipicamente pequenas se comparadas com páginas e páginas de transcrições de narrativas de entrevista (BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008, p. 381).

Entendemos, assim, que a análise de pequenas narrativas é orientada de forma diferente da análise de grandes narrativas. Aquela encoraja os pesquisadores a olharem para a construção do *self* e da identidade como uma atividade dialógica e relacional, criada e recriada dentro de práticas interacionais.

## 2 ANÁLISE DOS DADOS

Para este trabalho, os dados foram gerados a partir de dois vídeos do YouTube. Iremos analisar primeiramente a narrativa retirada do vídeo do canal “Viaja, bi!”, que é um canal do YouTube que fornece conteúdo de viagem com temática gay. O apresentador do canal, Rafael Leick, que também assume a identidade gay, entrevista Pedro HMC, criador do canal “Põe na Roda”, sobre saída do armário, homofobia no trabalho, aceitação da família e entendimento de si mesmo como gay e depois como personalidade gay. Para o nosso trabalho, analisaremos a fala em que Pedro relata o momento em que saiu do armário para sua família. A segunda narrativa foi tirada de um vídeo do canal da revista *Trip* no YouTube, cujo tema é “saindo do armário”. Nele, estão reunidos três membros do movimento LGBT que discutem a temática de saída do armário. Esse relato configura-se como uma pequena narrativa. As convenções de transcrição das narrativas presentes neste trabalho estão detalhadas no quadro em anexo.

## 2.1 Narrativa 1

Veremos que Pedro inicia a narrativa dando uma orientação do momento que o levou a contar sua identidade sexual para sua mãe:

|    |       |   |
|----|-------|---|
| 01 | Pedro | eu contei pra minha mãe eu já tinha: dezoito...todo final de semana eu passava  |
| 02 |       | fora de casa...depois de dois anos que cada final de semana eu tinha uma        |
| 03 |       | desculpa diferente quando eu sentei pra conversar com a minha mãe ela falou     |
| 04 |       | tipo foi uma coisa super séria “você é homossexual?”                            |
| 05 | Rafa  | pode falar viado gente [pode falar  |
| 06 | Pedro | [pode falar “filho você é bicha?”   |
| 07 | Rafa  | ((risos))   |
| 08 | Pedro | eu estava dormindo na casa desse meu namorado e ele não era assumido            |
| 09 |       | ele acordou assim “vai pra sua casa” por que? ele pediu pra faxineira da mãe    |
| 10 |       | dele...ele não queria e eu estivesse lá porque a mãe dele não sabia que ele era |
| 11 |       | gay então assim “você está me expulsando da tua casa?” isso tudo porque você    |
| 12 |       | não é assumido e ele falou assim “você é?” aí eu falei assim “ah é?”↑eu juntei  |
| 13 |       | essa raiva acho que foi o que meu deu força... eu cheguei pra minha mãe e falei |
| 14 |       | “preciso conversar com você” “tá bom” aí ela sentou no sofá na hora me caiu a   |
| 15 |       | a ficha “que que eu to fazendo?”  |
| 16 | Rafa  | ((risos))   |
| 17 | Pedro | a minha mãe já estava preocupadíssima ela falou “que que foi?”... porque eu     |
| 18 |       | cheguei “preciso falar com você” eu não conseguia falar “você engravidou uma    |



|    |       |   |
|----|-------|---|
| 19 |       | menina?   |
| 20 | Rafa  | não[ mãe  |
| 21 | Pedro | [fica tranquila mãe   |
| 22 | Rafa  | isso [tá ↑longe   |
| 23 | Pedro | [isso tá ↑bem longe de acontecer  |
| 24 | Rafa  | ((risos))   |
| 25 | Pedro | “Algum problema com droga?” aí ela falou assim “você é homossexual?”...como         |
| 26 |       | eu fiquei quieto o tempo inteiro aí eu falei:... “é”... aí ela começou a chorar mas |
| 27 |       | ela foi incrível porque ela falou que:: ela queria que eu fosse feliz só tinha medo |
| 28 |       | de eu apanhar ou sofrer alguma violência  |

Nessa sequência, Pedro faz uma construção do tempo que antecedeu ao momento de contar para sua mãe que era gay: “eu já tinha dezoito anos” (L. 1), “depois de dois anos que cada final de semana eu tinha uma desculpa diferente” (L. 2, 3). Em seguida, Pedro faz uma avaliação da fala de sua mãe ao perguntar se ele era homossexual: “foi uma coisa super séria” (L. 4). O termo homossexual, aqui, é relatado como um termo “sério”, tanto que, logo depois, Rafa toma o turno e se direciona para os expectadores do canal e afirma: “pode falar viado gente” (L. 5). Pedro ratifica essa fala com a afirmação “pode falar ‘filho você é bicha?’” (L. 6). Vimos que as escolhas linguísticas “viado” e “bicha” são construídas mais favoravelmente do que o termo homossexual, geralmente usado em discursos oficiais.

A seguir, temos uma sequência narrativa tipicamente laboviana. O ponto é mostrar qual foi o momento exato que levou Pedro a sair do armário para sua mãe. Ele lança mão de mais uma orientação para indicar as circunstâncias até o ponto da narrativa. Percebemos que é uma orientação longa, que abrange as linhas 8 até 12, em que conta toda a sequência de ações que o levaram a “chegar” para sua mãe (L. 13) e expor sua identidade sexual.

Essa sequência de ações funciona de acordo com o sistema de coerência mencionado por Linde (1993). A partir do ponto de vista do senso comum, uma pessoa deve possuir o controle de suas próprias ações, ou seja, o senso comum acredita no completo agenciamento do indivíduo. No entanto, a autora aponta que o falante pode escolher um sistema de coerência especial. Exemplos desses sistemas incluem a psicologia freudiana, o behaviorismo, a prática confessional católica e o feminismo (LINDE, 1993, p. 165). Pedro usa um *account* para sua ação que encontramos explicação no sistema behaviorista, pois ele só decidiu sair do armário por causa de um estímulo externo. Quando seu namorado o expulsa de casa, por não ser assumidamente gay e não querer que sua faxineira perceba a presença de seu amante, Pedro é confrontado com sua própria condição de dentro do armário. É só a partir disso que Pedro decide compartilhar com sua mãe sua identidade gay. Na sequência da narrativa, Pedro constrói sua imagem como agente ativo na ação complicadora por meio da escolha do uso do pronome pessoal “eu”: “eu falei assim ‘ah é?’” (L. 12), “eu juntei essa raiva” (L. 13), “eu cheguei pra minha mãe e falei ‘preciso conversar com você’” (L. 14). Logo após, no entanto, Pedro demonstra sua não agentividade no momento de exposição de sua identidade sexual, estando em consonância com o sistema de coerência behaviorista, em que o *self* nunca é descrito como agente ativo dos eventos narrados (LINDE, 1993, p. 170).

Pedro só expõe sua identidade gay a partir da pergunta de sua mãe: “você é homossexual?” (L. 25). Após a confirmação da pergunta “aí eu falei ‘é’” (L. 26), Pedro sai do armário para sua mãe. Depois de uma pausa mais longa, Pedro relata as ações que se sucedem: “aí ela começou a chorar mas ela foi incrível” (L. 26, 27). Vimos que entre “aí ela começou a chorar” e “mas ela foi incrível” não há pausa no fluxo da fala, funcionando como uma avaliação favorável da mãe que “foi incrível”, apesar de chorar com a notícia do filho. Essa avaliação se dá perante a explicação do discurso da mãe relatado: “ela queria que eu fosse feliz só tinha medo de eu apanhar ou sofrer alguma violência” (L. 27, 28). Esse discurso está de acordo com o sistema de suposições e crenças, compartilhado pelos membros de nossa cultura, a saber, o senso comum, em que se entende que o homossexual irá sofrer em um mundo onde é considerado anormal.



Analisaremos, a seguir, a continuação desse relato, que começa com a pergunta de Rafa para Pedro: “e o resto da família?” (L. 29). Seguindo a coerência da narrativa, essa pergunta faz referência à sequência dos eventos narrados.

|    |       |   |
|----|-------|---|
| 29 | Rafa  | e o resto da família?   |
| 30 | Pedro | eu tenho dois irmãos mais velhos...meu pai eu não tenho contato acho que eu       |
| 31 |       | nunca falei nisso nem no pône na roda... olha super exclusiva...meu pai tem três  |
| 32 |       | casamentos é uma história meia complicada...depois do terceiro casamento ele      |
| 33 |       | se desligou enfim... eu era adolescente...meu irmão do meio soube porque ele      |
| 34 |       | ouviu uma mensagem na secretária eletrônica do meu segundo namorado               |
| 35 |       | ((risos))   |
| 36 | Rafa  | ((risos))   |
| 37 | Pedro | olha como a gente é velho tinha secretária eletrônica ()                          |
| 38 | Rafa  | estou tentando me controlar [aqui   |
| 39 | Pedro | [você não sabem como era viver sem<br>whatsapp                                    |
| 40 | Rafa  | você não têm ideia do que que era uma vida sem internet                           |
| 41 | Pedro | e o meu irmão mais velho soube é:: acho que ele perguntou pra minha mãe           |
| 42 |       | se eu não me engano e o resto da família foi percebendo aos poucos e              |
| 43 |       | toda a família eu acho que veio a saber com o pône na roda porque daí não tinha   |
| 44 |       | mais como esconder né...acho que depois que você tá fora do armário... você<br>vê |
| 45 |       | que é menos assustador do que parece  |

A pergunta de Rafa conjuga-se com a noção de sequência clara de uma narrativa coerente. Ao analisarmos outras narrativas de saída do armário, percebemos que os pais (principalmente a mãe) representam o primeiro passo para uma identidade gay assumida para a sociedade. É como se a saída do armário para a sociedade só fosse possível após a

saída do armário para os pais. Linde (1993) postula que nós esperamos que o conhecimento da história de vida que temos de uma pessoa esteja correlacionada com o nível de intimidade que possuímos com ela. Ora, o compartilhamento com os pais da identidade sexual faz parte do compartilhamento da história de vida de um indivíduo.

Após o compartilhamento dessa identidade com os pais, espera-se que o “resto da família” passe a compartilhar dessa história também. Em seu relato, Pedro utiliza narrativas breves para remeter-se ao momento em que outros membros da família tomaram conhecimento de sua identidade sexual: “meu irmão do meio soube porque ouviu uma mensagem na secretária eletrônica do meu segundo namorado” (L. 33, 34), “o meu irmão mais velho soube é:: acho que ele perguntou pra minha mãe se eu não me engano (L. 41, 42), “o resto da família foi percebendo aos poucos” (L. 42) e “toda a família eu acho que veio a saber com o pône na roda” (L. 43). Percebemos que o relato é construído a partir de uma imagem desinteressada. Enquanto o relato do momento da conversa com a mãe é construído de forma tensa, com o resto da família, esse relato apresenta-se de forma indiferente; como por exemplo o uso do verbo *achar* para demonstrar incerteza de como o evento ocorreu: “acho que ele perguntou pra minha mãe” e “acho que veio a saber com o pône na roda”.

Após essa fala, observamos na sequência uma coda avaliativa: “acho que depois que você tá fora do armário... você vê que é menos assustador do que parece” (L. 44, 45). Essa avaliação é sentida como um recurso do falante para construir uma imagem leve em seu discurso. Pedro finaliza seu relato com uma avaliação que faz a partir de uma experiência pessoal.

Os participantes da narrativa 1 se constroem com uma imagem positiva e leve. Percebemos isso pelos elementos presentes na fala, como risos (L. 7, 24, 35, 36), piadas (L. 37, 39) e ironias (L. 20, 21, 22, 23, 38). Relacionamos isso à performance profissional destacada por Bauman (1986, p. 03), que entende performance como

[...] um modo de fala, a essência na qual reside a presunção de responsabilidade para com um público em uma exibição de habilidade de comunicação [...]. A partir do ponto de vista do público, o ato de expressão da parte de quem performa é, assim, deixado livre para a avaliação da forma como esta é conduzida, e da exibição de quem performa em relação a suas habilidades e eficácia (BAUMAN, 1986, p. 03).

Certamente, faz-se necessário destacar que os participantes dessa narrativa não se reportam somente ao interlocutor direto na conversa. Sendo exibido em um canal aberto do YouTube, os participantes se reportam também a todos que irão assistir ao vídeo, ou seja, eles sabem que sua performance estará sendo avaliada por um público amplo e desconhecido.

## 2.2 Narrativa 2

|    |         |   |
|----|---------|---|
| 01 | Felipe  | se você se assume cê cria uma...você:floresce literalmente...quando eu tinha    |
| 02 |         | quinze anos eu não...se falava via↑do eu me sentia ↑totalmente ofendido...      |
| 03 |         | aquilo me mata↑va por dentro, depois que você cria uma uma força uma            |
| 04 |         | barreira você fala assim “foda-se”ce diz “ [sou gay e daí?”                     |
| 05 | Pedro   | [se fala “viado” você diz“↑presente”  |
| 06 | Felipe  | você fala [exatamente   |
| 07 | Melissa | [sou eu   |
| 08 | Pedro   | eu acho que o gay que é enrustido que ele está no armário ele sofre             |
| 09 |         | infinitamente mais preconceito do que o gay que se assume                       |
| 10 | Felipe  | minha mãe falou uma coisa mu::ito legal esses dias... ela falou “nossa eu não   |
| 11 |         | sei como eu seria se eu não tivesse um filho gay...porque as vezes eu estou     |
| 12 |         | no:: trabalho e ouço comentários piadas que eu vejo que as pessoas não          |
| 13 |         | pensam sobre porque provavelmente não passam por esse...processo... não         |
| 14 |         | estão alinhados...não amam alguém que que é gay no caso um filho                |
| 15 | Melissa | Sim   |
| 16 | Felipe  | “eu eu sei que... que pra você que que é difícil... e eu não supo↑rto assim ver |
| 17 |         | piada”  |

|    |       |   |
|----|-------|---|
| 18 | Pedro | todos os pais de gays passam por isso ELES também têm que sair do armário |
| 19 |       | com o tempo   |

Como propõem Bamberg e Georgakopoulou (2008), as breves narrativas cumprem um papel social. Não temos aqui uma sequência temporal, mas relatos de eventos em andamentos, hipotéticos e compartilhados. Os participantes dessa interação negociam suas identidades no momento da fala.

Felipe começa o seu relato com uma fala apaixonada, verificada a partir da presença de subidas de entonação. O uso da metáfora “você::floresce literalmente” (L. 1) constrói uma imagem favorável daquele que “assume” sua identidade gay, portanto, fora do armário. Felipe encaixa uma narrativa breve que tem início “quando eu tinha quinze anos” (L. 1, 2) para remeter-se ao tempo em que se sentia “ofendido” se chamado de “viado”. Essa narrativa é construída com o uso de verbos no passado, fazendo um contraponto com o momento presente, em que assume sua identidade sexual e cria “força” para gritar “e daí?”. Pedro toma o turno para ratificar a fala de Felipe. Na fala de Pedro, temos o relato de um evento hipotético “se fala viado você diz ‘presente’” (L. 5). O “presente” com tom ascendente é percebido como escolha linguística para dar ênfase ao papel de gay assumido.

Melissa ratifica as falas de Felipe e Pedro e declara “sou eu” (L. 7). Pedro toma o piso conversacional e faz uma avaliação sobre a construção da imagem do gay enrustido. Aqui é marcada uma diferenciação identitária que o grupo está construindo entre o gay que se assume e os “enrustidos” que ainda estão dentro do armário. Felipe toma o turno, introduz uma narrativa breve com uma avaliação “minha mãe falou uma coisa mu::ito legal” (L. 10) e relata o discurso da mãe que constrói o discurso de ter um filho gay como algo positivo. Ao final, Pedro faz uma avaliação do discurso relatado de Felipe, afirmando que todos os pais compartilham também do evento de “saída do armário”.

Assim como na narrativa 1, os participantes da narrativa 2 também estão se reportando não só aos interlocutores imediatos da conversa, mas também a todos que assistem ao vídeo. Observamos, assim, uma performance profissional. Todos parecem

estar de acordo com as falas dos outros participantes, construindo uma imagem positiva da ação de sair do armário.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomamos, por fim, o objetivo inicial central do estudo: mostrar como narrativas de saída do armário são construídas em dois vídeos do YouTube e como as identidades sociais são negociadas no discurso.

A narrativa 1, considerada uma narrativa de história de vida (LINDE, 1993), é construída a partir de uma imagem favorável da ação de sair do armário. Vimos que, ao contarmos uma história de vida, seguimos um sistema de coerência, que providencia os meios para o entendimento, a avaliação e a construção dos *accounts* da experiência. Observamos que Pedro negocia sua identidade gay, usando recursos avaliativos que constroem uma fala coerente com sua experiência de vida. O momento decisivo para assumir para a sociedade sua homossexualidade se dá na interação com a mãe. A figura da mãe, assim, passa a representar a porta de abertura para que o resto da família tenha conhecimento de sua identidade sexual.

Sendo esse relato veiculado em um vídeo no YouTube, certamente essa identidade é exposta a todos que o visualizam. Por meio de suas performances, os participantes da conversa no vídeo constroem suas identidades sexuais de forma positiva; o ato de sair do armário não é construído como algo “assustador”, como se esperaria em uma sociedade heteronormativa.

Considerada uma pequena narrativa (BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008), a narrativa 2 é coconstruída pelos participantes da conversa e pelo público que assiste ao canal do YouTube. Nos diferentes momentos da conversa, os participantes ratificam a fala do outro, negociando suas identidades sexuais sob uma ótica favorável. Usam histórias de condição de dentro do armário como algo negativo, contrastando com o momento presente em que se assumem gays com orgulho. Nessa narrativa, pode-se dizer que os participantes escolhem marcas linguísticas para ligar o ato de sair do armário como um ato de libertação das amarras impostas pela sociedade na qual vivem, em que é necessário perguntar “e daí?” para alguém que grita “viado”.

Ao analisarmos as narrativas presentes neste trabalho, refletimos sobre discursos que contestam o projeto identitário de uma sociedade heteronormativa. Tais discursos estão inseridos em práticas sociais que vão contra a perpetuação da imagem negativa da identidade gay. Nesse contexto, palavras como “bicha” e “viado” são vistos não como insultos, mas como a afirmação de uma identidade que se faz presente em uma sociedade em constante mudança.

## 4 REFERÊNCIAS

BAMBERG, M.; GEORGAKOPOULOU, A. Small sotries as a new perspective in narrative and identity analysis. In: **Text&Talk**. 28-3, 2008.

BASTOS, L. C. Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais - uma introdução ao estudo da narrativa. **Calidoscópio**, v. 3, n. 2, p. 74-87, 2005.

BAUMAN, R. **Story, performance and event**. Contextual studies of oral narrative. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

LABOV, W. The transformation of experience in narrative syntax. In: \_\_\_\_\_. **Language in the inner city**. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.

LABOV, W.; WALETZKY, J. Narrative Analysis: oral versions of personal experience: In: HELM, J. (Org.). **Essays on verbal and visual arts**. Seattle: University of Washington Press, 1967.

LINDE, C. **Life stories**. The creation of coherence. New York: Oxford University Press, 1993.

MOITA LOPES, L. P. Práticas narrativas como espaço de construção das identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista. In: RIBEIRO, B. T.; LIMA, C. C.; DANTAS, M. T. L. (Org.). **Narrativa, identidade e clínica**. Rio de Janeiro: Edições IPUB, 2001. p. 55-71.

SAINDO DO ARMÁRIO #35. [Entrevista disponibilizada em 25 de março de 2015, a Internet]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fu56TO8ZmBI>>. Acesso em: 4 set. 2016.

VIAJA BI! Entrevista Pedro HMC (Põe na Roda) (1/2) | Saindo do Armário. [Entrevista disponibilizada em 22 de março de 2015, a Internet]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=klH1BjFBpNo>>. Acesso em: 4 set. 2016.





## ANEXO

Convenções de transcrição (Adapt. Jefferson, 2004)

| Situação                                     | Convenção  |
|--|--|
| Qualquer pausa                               | ...  |
| Hipótese do que se ouviu                     | (hipótese)   |
| Incompreensão de palavras ou segmentos       | ( )  |
| Comentários do transcritor                   | ((ruído))  |
| Truncamento, interrupção discursiva          | / (ex.: a meni/ a menina vai fazer...; o menino/ a menina vai fazer... |
| Alongamento de vogal e consoante (como r, s) | : ou :: (se for muito longo)   |
| Interrogação                                 | ?  |
| Entonação enfática                           | Maiúsculas (Ex.: ela quer UMA solução, não qualquer solução)           |
| Silabação                                    | - - (Ex.: Eu estou pro-fun-da-men-te chateada)                         |
| Aspas  | Discurso direto  |
| Superposição, simultaneidade de vozes        | [<br>[<br>(ligando as linhas)  |
| Subida de entonação                          | ↑  |
| Descida de entonação                         | ↓  |

JEFFERSON, G. Glossary of transcript symbols with an introduction. In: LERNER, G. H. **Conversation Analysis**. Studies from the first generation. Amsterdam: John Benjamins, 2004. p. 13-31.